

TERRA FELIZ INHAPI: memórias do sertão através da produção artística

ISABELLA ANJOS LACERDA





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ISABELLA ANJOS LACERDA

**TERRA FELIZ INHAPI: memórias do
sertão através da produção artística**

Recife
2024

ISABELLA ANJOS LACERDA

TERRA FELIZ INHAPI: memórias do sertão através da produção artística

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betânia e Silva

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lacerda, Isabella Anjos.

Terra feliz Inhapi: memórias do sertão através da produção artística / Isabella Anjos Lacerda. - Recife, 2024.

64 p. : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Memória afetiva. 2. Produção artística. 3. Artes Visuais. 4. Autobiografia. I. Silva, Maria Betânia e . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

ISABELLA ANJOS LACERDA

TERRA FELIZ INHAPI: memórias do sertão através da produção artística

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Artes Visuais da Universidade
Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Artes
Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria
Betânia e Silva

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Betânia e Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ms^a. Carla Priscila Antunes dos Santos
(Examinadora Externa)
Secretaria de Estado da Educação do Amapá

A toda minha família,
especialmente minhas primas,
que fizeram minha infância
feliz e especial. Este trabalho
não existiria sem eles e as
boas memórias que
construímos juntos.

RESUMO

Este trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: como construir minha poética artística a partir das minhas memórias afetivas ligadas aos sertão do Estado de Alagoas? Baseando-me em autores como Maurice Halbwachs (1990), Joel Candau (2016) e Fayga Ostrower (1987) busco aprofundar a noção de memória e sua relação com o campo artístico para depois explorar minhas próprias lembranças partindo de fotografias de família, resultando em uma produção artística de três obras motivadas pelas lembranças levantadas. O trabalho evidencia a dimensão social da memória, sua importância para a construção da identidade e as lembranças como fonte rica para a exploração de trabalhos artísticos; evidenciando a não linearidade, as possibilidades e sentimentos que atravessam o processo de construção artística a partir da experiência da artista.

Palavras-chave: Memória afetiva; Produção artística; Artes Visuais; Autobiografia.

ABSTRACT

This work is based on the following research question: how can I construct my artistic poetics based on my affective memories linked to the countryside of the State of Alagoas? Using authors such as Maurice Halbwachs (1990), Joel Candau (2016) and Fayga Ostrower (1987), I seek to deepen the notion of memory and its relationship with the artistic scene and then explore my own memories based on family photographs, resulting in an artistic production of three works motivated by the memories found. The work highlights the social dimension of memory, its importance for the construction of identity and memories as a rich source for the exploration of artistic works; highlighting the non-linearity, possibilities and feelings that permeate the process of artistic construction based on the artist's experience.

Keywords: Affective memory; Artistic production; Visual arts; Autobiography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	QUANDO ARTE E MEMÓRIA SE ENCONTRAM	13
3	UM SONHO DE CRIANÇA	24
3.1	QUANDO AS FOTOGRAFIAS FALAM	31
3.2	PASSEANDO POR UM TEMPO VIVIDO	35
4	OUTROS JEITOS DE LEMBRAR	46
5	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO



Lembro dos últimos anos do Ensino Médio, da angústia de decidir qual curso eu queria fazer, de ficar pensando nas várias coisas que precisam ser levadas em consideração, do peso de tomar uma decisão que vai definir boa parte da sua vida e do medo de errar. E se depois eu não gostar? Se eu me arrepender? O que eu faço? Sinto informar que as decisões importantes, as angústias e o medo de errar não acabam quando, finalmente, escolhemos um curso e conseguimos entrar na faculdade, na verdade, elas não acabam nunca e sempre precisamos aprender a lidar com novas questões que se apresentam nos novos espaços da nossa vida. Como agora, quando inicio esta última etapa da minha formação na Graduação.

Depois de mudar de opção de curso mil vezes, resolvi que queria cursar Artes Visuais - o que parecia meio maluquice porque eu não sabia nem desenhar. Viver este curso foi algo que mexeu comigo de muitas formas, eu estava cercada de gente talentosa e por diversas vezes me comparei com meus colegas e me questionei se este era mesmo o meu lugar. Em contrapartida, minha visão de mundo se alargou e muitos caminhos se apresentaram, tanto que ainda me sinto um pouco perdida, sem saber qual caminho devo seguir dentre todas as possibilidades que existem. Sempre fui uma estudante voltada para teoria, para o pensar, para a história da arte; mas nos últimos tempos um desejo que vinha reprimindo por medo veio aflorando dentro de mim: a vontade de explorar minha prática artística. É deste ponto que esta pesquisa se inicia.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, as produções artísticas não surgem ao acaso, da vontade divina que atua pelas mãos do artista, existe um processo de pensamentos, estudos, testes e tempo até a concepção e concretização da ideia. É justamente este processo que busco documentar aqui.

Estamos encharcados de pensamentos o tempo todo e as primeiras questões que se puseram diante de mim foram: sobre o que eu gostaria de falar? Quais temas me atraem? Relembrando todos os contatos que tive com arte ao longo dos anos, percebi que as produções artísticas que mais me chamam atenção e as que mais gosto são aquelas que evidenciam a vida cotidiana de forma poética, que tratam da cultura nordestina em toda sua diversidade e mostram cenas da vida interiorana. Estes temas me atravessam afetivamente porque me lembram minha história de vida, me levam a lugares e situações que já passei e me trazem sentimentos de reconhecimento, de conforto.

No ano de 2022, durante os meses de julho a outubro, participei do projeto 'Tramações', que propôs o diálogo entre arte têxtil e as memórias pessoais dos participantes. Durante os encontros, pessoas de diferentes idades, gêneros, orientações sexuais e classes sociais, puderam compartilhar suas histórias com o intuito de reviver saudosamente algum momento ou como forma de curar machucados causados pela vida. Aqueles momentos de troca de experiências serviram para mostrar como as lembranças de diferentes pessoas podem se aproximar, se afastar ou servir de mola propulsora para que outras memórias esquecidas apareçam, causando episódios de comoção, felicidade e angústia.

É partindo do interesse pela memória com a vontade de me descobrir enquanto artista nasceu a questão que norteia esta pesquisa em arte: como construir minha poética artística a partir das minhas memórias afetivas? Memórias estas que se referem a minha infância, aos momentos que passei com minha família no sertão do estado de Alagoas, na cidade de Inhapi.

Acredito que as memórias são fragmentos temporais inerentes à existência do ser no mundo, isto porque nos fazem viajar no tempo e nos despertam sentimentos, reforçando nossa dimensão humana. Elas se constroem na interação entre pessoas e espaços, contam uma história a partir de quem as narra. Dessa forma supõe-se ainda que, compartilhar lembranças em forma de arte, é uma forma de fazer com que histórias pessoais possam se tornar fonte de identificação e reconhecimento para outras pessoas, extrapolando os limites pessoais, propondo novos diálogos e despertando aquilo que estava adormecido.

Buscando por uma metodologia que valorizasse o ziguezague de ideias e a liberdade de possibilidades do processo artístico, resolvi basear esta pesquisa no método qualitativo cartográfico como suporte, devido ao seu caráter processual e flexível, onde a subjetividade é levada em consideração e não existem respostas exatas, mas sim a construção de um caminho centrado na produção artística e revelador do processo criativo. Assim, justifico minhas escolhas de acordo com a perspectiva do artista plástico e educador português Leonardo Charréu (2019, p.95):

Mais do que recolha e análise de dados, amostras, verificações, ou os cuidados, por vezes limitadores, relativos à própria materialidade da pesquisa, uma investigação 'viva', mais artística, ou menos artística, vai implicar a criação, a invenção e a consciencialização em como os espaços, as coisas, os objetos e as pessoas (pelo menos algumas) nos atravessam, e de algum modo, nos transformam, ou nos reconstróem.

Para além disso, a pesquisa cartográfica oferece um lugar privilegiado ao pesquisador, que tem seus sentimentos levados em consideração ao ser tratado como parte da investigação proposta (Richter; Oliveira, 2017). Aqui, pretendo explorar e refletir sobre minha subjetividade, por isso também irei me basear na metodologia autobiográfica, onde as histórias de vida são pensadas pela influência que exercem na formação profissional, minhas memórias fazem parte de quem eu sou, quero valorizar minha história pessoal e mostrar como ela é parte importante da minha construção enquanto artista.

Irei utilizar fotografias antigas e conversas com meus pais para dar suporte à investigação das minhas lembranças e o registro de todo este processo se apresenta aqui como se fosse um diário criativo, pelo caráter mais íntimo que busco trazer, onde irei mapear as ideias, pesquisas, sentimentos e questões que me atravessam nesse período.

Pretendo, como objetivo principal, construir minha poética artística a partir do meu objeto de pesquisa que são minhas memórias afetivas. Para isso, busco explorar a ideia de memória e sua relação com o campo das Artes Visuais, trazendo exemplos de outros artistas que trabalham com o tema, como Rômulo Jackson, e servem de inspiração para mim; mapear, selecionar e convergir minhas memórias afetivas a partir de fotografias e histórias ouvidas; desenvolver bordados com pinturas e fotografias que retratem e reflitam sobre as memórias mapeadas, explorando meu processo de criação artística.

Sinto enquanto estudante e artista em formação, a necessidade de reafirmar a importância do processo artístico prático como criador de conhecimento no meio acadêmico, parte que, muitas vezes, é marginalizada frente à produção textual. É importante que artistas troquem experiências sobre seus processos para refletir sobre seus trabalhos, humanizando suas trajetórias e reforçando o caráter educativo intrínseco ao pensar e fazer arte, como disse Ana Mae Barbosa (2016, s/p) "O artista acha que, por si só, não ensina. Ele acha que não consegue estabelecer essa relação. Mas, necessariamente, por ser artista, ele tem o que ensinar."² Espero, portanto, que esta pesquisa sirva como

exemplo para que outras pessoas possam desenvolver suas próprias poéticas e estéticas a partir daquilo que as tocam.

² Discurso da educadora durante o Prêmio Ícone da Educação, concedido pelo Instituto Europeo di Design (IED São Paulo).

QUANDO ARTE E MEMÓRIA SE ENCONTRAM



O que é a memória? Quando paro um pouco e olho atentamente o mundo que me cerca, percebo que a memória pode estar tão presente na vida de nós, seres humanos, que é capaz de passar despercebida pela nossa consciência. Ela está na fala e nos gestos simples que são feitos no dia a dia, como acenar e dar tchau, hábitos que são reproduzidos automaticamente e que estão registrados no cérebro, em nosso corpo; está dentro dos objetos eletrônicos onde é capaz de armazenar fotos, músicas e arquivos; nas histórias que são contadas e ouvidas; naquilo que é passado na escola e lido nos livros; nas fotografias que são tiradas e nos lugares visitados; e em muitas outras partes da vida.

O 'Dicionário Online de Português (Dicio)' define a memória como a "Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente", fazendo uma rápida pesquisa surgem significados mais ou menos parecidos com este e logo é possível perceber que a pergunta que abre este capítulo não é tão simples, que existem várias respostas possíveis e que a memória é um sistema complexo, estudado por diferentes autores e áreas do saber. Pelo olhar da historiadora Frances Yates (2007), por exemplo, a memória teria surgido através dos antigos oradores gregos como a capacidade de reter a maior quantidade de informações possíveis através de uma técnica que consistia em organizar a história por meio de "lugares" e "imagens", eles criavam uma construção imaginária e em cada lugar dessa construção era colocada uma "imagem" que trouxesse algo da história, facilitando a memorização do discurso. Ora, mas será mesmo que a memória surgiu através dos oradores gregos? Se isso, fosse, de fato, e as milhares de gerações que existiram antes dos gregos e em outros territórios nunca refletiram sobre memória, não tinham memória, não produziram memória? Onde se poderia, por exemplo, situar os saberes ancestrais, os saberes da tradição, via oralidade, que foram transmitidos de geração em geração?

Tendo em vista este vasto cenário, irei basear minha percepção de memória de acordo com a ideia defendida pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), creio que a memória não seja apenas a repetição dos fatos exatamente como aconteceram, mas sim uma contínua reconstrução e ressignificação do passado que não foi apenas vivido, mas que nos afetou, nos marcou e nos transformou de alguma forma. Segundo as palavras de Halbwachs (1990, p. 32):

É como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, mas de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos. Recolocamos os diversos detalhes dentro de um outro conjunto, constituído por nossas representações do momento. Parece que chegamos num novo caminho.

Partindo dessa reflexão, lembro que nossas lembranças são definidas num espaço e num tempo e que refletem em quem somos no presente, na construção de nossa identidade, como no filme de animação 'Divertidamente 2', no cérebro da personagem principal existe um lugar profundo para onde as emoções enviam os momentos que consideram mais importantes, juntos eles formam as convicções que guiam o senso de si da personagem e influenciam a forma como ela vê o mundo, assim como essas recordações servem de base para como ela vai lidar com novos desafios.

O antropólogo Joel Candau (2016, p.16) nos lembra que "a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada", se por um lado nossas lembranças atuam sobre o presente, por outro nossas experiências atuais interferem na forma como reconstruímos o que já passou, é um jogo de confrontamentos e de diálogo.

Enquanto algumas coisas são esquecidas, as lembranças que ficam são das experiências que nos marcaram de alguma forma, aquelas que percorreram nossos sentidos e penetraram nossos sentimentos, aquelas que tornam-se significativas ajudando na compreensão de nós mesmos e do que nos cerca, e que por isso ganham importância na estrada da nossa existência no mundo. Nos lembramos daquilo que significamos e conforme nos tornamos entes sociais, vamos aprendendo a viver com outras pessoas e com o mundo e passamos a dar significado para as coisas que nos rodeiam, imprimindo sentimentos - ou não - a elas e registrando na memória.

Sobre isso, destaco o estudo de Halbwachs (1990, p. 47) que relata:

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos, então, tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros.

Nesse cenário e em minha experiência, percebo que a família ganha destaque especial, porque é o primeiro grupo no qual estamos inseridos e que nos ensinam as primeiras coisas sobre a vida. Este processo vai se tornando mais complexo ao longo do tempo, quando nos inserimos em outros grupos sociais e temos nossa visão de mundo expandida. A partir disso, creio que somos o resultado da convergência de todos esses

grupos através destas redes significantes invisíveis.

Me aventuro a explorar no próximo capítulo minhas memórias de infância, do tempo que passava com minha família no interior do estado de Alagoas, na pequena cidade de Inhapi. Lembranças que são minhas, mas que se fazem importantes por trazerem minhas relações com outras pessoas e lugares especiais. É neste momento sinto que é preciso divagar um pouco sobre as questões que relacionam e separam a memória individual e a memória coletiva.

Posso dizer que a segunda diz respeito a resgatar momentos importantes de uma comunidade, aos acontecimentos testemunhados por um grupo de pessoas, onde cada um traz suas impressões sobre o vivido, estas lembranças - e os sentimentos envolvidos nelas - quando compartilhadas e divididas nos trazem a noção de pertencimento pela semelhança. Já a memória individual trata aquilo que é sentido, testemunhado, pensado e significado apenas por um indivíduo e que garante algo que é só dele. É como se a memória coletiva fosse um conjunto de memórias individuais, por exemplo, por mais que minhas lembranças sejam narradas do meu ponto de vista, são momentos que foram vivenciados por outras pessoas também, se sentarmos juntos em uma roda de conversa podemos cada um trazer um pouco de suas próprias visões sobre o acontecimento para fazermos um quadro geral sobre ele.

Apesar da aparente fácil diferenciação entre as definições, percebo que na prática as linhas que separam os dois tipos de memórias são tênues, operando através de um jogo complexo. Podemos pensar que cada um de nós tem uma existência de caráter único, ao mesmo passo que somos reflexos do meio social que crescemos e das pessoas com quem convivemos, estamos carregados das referências de mundo dos grupos que participamos e mesmo quando estamos sozinhos somos atravessados internamente pelo que absorvemos de terceiros, Halbwachs (1990, p. 36) reforça essas ideias ao dizer que "mas lá não esteve só, senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social e que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade."

Em contrapartida, mesmo que compartilhamos o mesmo grupo que outras pessoas e sejamos atravessados por influências, dentro de cada indivíduo existe uma infinidade de modos de organizar o que recebemos, nos diferenciando e singularizando. E enquanto com-

partilhamos muitos códigos com alguns, trazemos nossas próprias questões. Por exemplo, lembro de brincar com minhas primas quando mais nova, uma lembrança coletiva pois foi vivenciada por um pequeno grupo de pessoas, porém, naqueles momentos existem coisas que talvez só eu tenha percebido, sentido e guardado. A este respeito Halbwachs (1990, p. 34) lembra que "assim, nesse caso, de um lado, os depoimentos dos outros serão impotentes para reconstituir nossa lembrança apagada: de outro, nós nos lembraremos, em aparência, sem o apoio dos demais, de impressões que não comunicamos a ninguém."

Mas a partir das considerações que levantei sobre a memória, como poderia relacioná-la com o campo das Artes Visuais? O que me intriga nestas duas áreas é como elas se aproximam em algumas questões. Vou começar pelo ponto que, assim como a memória, é complexo fechar a definição de o que é arte em uma única coisa pois é um campo multifacetado que vem sendo investigado e teorizado por diferentes pessoas ao longo da humanidade. Uma coisa que aprendi na faculdade é que o significado da arte e seu valor mudam de acordo com o lugar e o tempo em que está sendo pensada e produzida, assim como a memória - como já foi dito - também necessita do espaço e tempo para se construir. E, ao meu ver, existe ainda uma outra coisa que une essas duas instâncias ainda mais: a cultura, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Mapa mental



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2024.

Penso na arte como uma forma de comunicação capaz de expressar ideias e sentimentos, em que podemos expandir nossa visão de mundo ao mesmo tempo em que refletimos sobre a realidade na qual estamos inseridos. Salientei que as lembranças se fixam em nós pelos significados que vamos imprimindo a elas a partir das relações que construímos com o mundo, do mesmo modo processa-se a arte: ela é fruto de um meio social, uma produção cultural que traz dentro de si um movimento de significação do mundo, seja pelo que o artista pretendia ao fazer a obra ou pela ideia que o próprio espectador criou ao vê-la. E todo esse sistema de significação da obra de arte é mediado pela cultura e identidade dos envolvidos, identidade onde está inserida a memória, como representado na figura 1. Portanto, vejo que todas essas instâncias - arte, cultura, identidade e memória - operam num zigue-zague de influência mútua, onde uma está dentro da outra.

Uma questão pode-se levantar aqui entre memória e arte, partindo do texto 'A imagem, uma arte da memória?', o pesquisador francês Jean Davallon (1999, p.26) diz que "a história resiste ao tempo, o que não pode a memória", creio que ele diga isso do ponto de vista de que, sendo a memória subjetiva, ela se finda com o término da existência material de quem a detém, enquanto a história são os vestígios que ficam das lembranças e que se perpetuam. Mas algo me intriga aqui, porque não seria a memória a base para a construção da história? E por mais que as lembranças "morram" com os seus indivíduos, elas não podem ter sido registradas em primeira pessoa por estes através de diários e outros meios, como por exemplo, a arte? Então, não seria a arte um meio de nós mesmos externalizarmos nossas narrativas memoriais?

Historicamente falando, os humanos sempre desenvolveram formas de repassar o que viviam. Lembro a partir da pesquisadora em artes visuais Alecsandra Matias de Oliveira (2009) que por muito tempo o discurso oral foi a principal maneira de transmitir ideias, hábitos e conhecimentos de uma comunidade, mas as novas tecnologias foram alterando as formas de comunicação com o passar do tempo. A invenção da escrita foi uma grande revolução, ela permitiu que o saber acumulado fosse sistematizado em livros e objetos que podem perpassar por diferentes gerações em diferentes lugares, o conhecimento não estava mais limitado ao existir físico de uma pessoa.

E nesse contexto lembro como as produções artísticas podem ser duráveis no tempo,

assim, se tornam um terreno fértil para narrar histórias, perdurar lembranças e trazer recordações. A arte, desde seu período rupestre até o contemporâneo, sempre se mostrou como um meio frutífero para registrar, preservar e recordar memórias: na pré-história, os grupos utilizavam as paredes das cavernas para desenharem seus rituais e costumes; os museus são uma tentativa de guardar a história das sociedades, culturas e tempos que não vivemos; enquanto os monumentos situados no meio das cidades retratam momentos históricos apresentados como eventos importantes daquele lugar e de seu povo. Destaco um trecho sobre esta questão elucidado por Oliveira (2009, p. 7):

Os registros artísticos mostram-se como diferenciais nessa busca em reconstituir o passado. Os monumentos artísticos encontram-se carregados de historicidade e, principalmente, trazem uma áurea simbólica forte, capaz de unir a comunidade que os cercam.

Assim, creio que a arte torna-se um meio de registrar, reinventar, reinterpretar lembranças e a passagem do tempo, fazendo algo pessoal e íntimo sair para o coletivo graças a sua capacidade de evocação, de construir ligações. Lembro aqui que, apesar de sua capacidade de perpetuar-se pelo tempo, existe um confronto entre as percepções de quem produz e de quem "lê" a obra de arte de acordo com o meio que estão, como reforça Oliveira (p. 5) ao dizer que "o tempo apaga os rastros ou os transforma. A leitura de um documento ou monumento depende de sua relação com o presente."

Sinto que no panorama da arte contemporânea, que possui um caráter libertador e subjetivo junto com sua ideia de aproximar arte e vida, a memória pode ganhar espaço frutífero como tema. O audiovisual surge como um aparato que permitiu novas formas de registro, como as fotografias dos álbuns de família, prática recorrente para eternizar momentos importantes e afetivos. Os artistas vem fazendo um movimento de apropriação e transformação desses arquivos, mostrando o potencial artístico que possuem. O mesmo processo se dá com outros aparatos, como as caixas de memórias que servem para colecionar objetos que marcam episódios específicos e os diários pessoais que registram experiências cotidianas que poderão tornar-se grandes lembranças futuramente.

E foi inspirada por este cenário que decidi pensar em uma produção artística que possibilite o resgate de lembranças e afetividades, que traga conforto e sensibilize, reforçando seu caráter humanizador - tal como a memória.

Lembro de como cheguei a minha escolha. Olhava o trabalho de artistas que eu gostava e me questionava qual era o motivo de gostar daquilo: eram as cores e o traço? a história? o que era? Percebi que aquilo que mais me atraía eram aquelas obras que resgatavam a sensibilidade da vida, que me deslocavam para os meus lugares de afeto, acho que isso é uma maneira de respirar em meio ao caos que a vida se torna de vez em quando.

Um dia assisti uma palestra³ da professora Maria Betânia e Silva, onde ela falava sobre os estudos que fazia sobre a memória e algo me tocou ali, me despertou. Em outro momento, escutei um podcast onde um rapaz dizia que sonhava em ser repórter para poder contar histórias, ali entendi que era isso que eu queria. Eu sempre fui uma menina muito curiosa, perguntadeira e que gostava de ouvir relatos dos meus pais, percebi que a arte era um caminho para contar histórias e queria que as pessoas pudessem se identificar com aquilo. E então eu pensei: porque não começar com aquilo que eu já conheço, com minhas próprias memórias e histórias?

A princípio, tive medo de ser algo muito pessoal, mas entendi que dificilmente existe algo no mundo que seja apenas nosso, visto que, apesar de diferentes, vivemos em uma sociedade composta por comunidades que compartilham valores e interesses comuns. E mesmo assim, as pessoas podem até não se identificar, mas podem aproveitar para conhecer novas vivências e se emocionarem com elas. Para justificar minhas escolhas, destaco um trecho escrito pela artista visual e crítica de arte Katia Canton (2009, p.35):

No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos.

³ Palestra realizada na Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2021

É isso que busco fazer, transmitir aquilo que carrego comigo e que vivi por meio da arte. É visto que podemos ser grandes curiosos, quem não gostaria de saber mais sobre a vida dos outros?

Dentro da minha jornada acadêmica tive o privilégio de estudar com Rômulo Jackson durante os anos que passei na universidade, um artista que entrou no curso de Artes Visuais um ano antes de mim e que se tornou minha principal referência artística quando o assunto é criar a partir das minhas vivências e memórias.

Se esta pesquisa existe é muito graças ao trabalho de Rômulo, que me inspirou e me mostrou as possibilidades das coisas, creio que ele nem saiba disso, mas não podia deixar de falar sobre ele aqui. Rômulo desenvolveu uma produção artística baseada nas memórias afetivas, suas pinturas retratam objetos e cenas comuns do cotidiano de boa parte do povo nordestino, com influência principalmente do seu estado, Pernambuco.

São experiências que ele já vivenciou e que sabe que outras pessoas também. Em seu instagram é fácil encontrar comentários de internautas falando como suas obras despertam memórias ou narrando algum evento que tenha relação com a tela. É isso que sua arte consegue fazer: aproximar o público, destacar o simples e despertar esse sentimento de nostalgia, eu diria que suas pinturas têm gosto de infância com cheiro de casa de vó. Eu nunca gostei muito de pinturas de natureza morta, sempre achei elas sem vida, mas quando olho os objetos inanimados retratados por Rômulo eu sinto o oposto, sou inundada pelos sentimentos de felicidade, aconchego e saudade. A Figura 2 traz exemplos de seu trabalho, onde ele retrata objetos, alimentos e até uma música que faz parte do imaginário e cultura de muitos nordestinos.

Figura 2 - Pintura 'Amigo Locutor' a esquerda e pintura 'Pitu e torcida verde' a direita.



Fonte: Rômulo Jackson, 2022 e 2023.

Apesar de gostar de todas as suas pinturas, resolvi trazer essas da figura 2 como exemplo por remeterem diretamente às minhas próprias lembranças. A pintura 'Amigo Locutor' me deixou extremamente nostálgica quando vi porque sempre escutava essa música nas minhas férias quando estava com minha família, e por muito tempo eu a detestei, mas hoje em dia adoro escutá-la e relembrar desse tempo que já passou. Já 'Pitu e torcida verde' mostra a bebida que eu sempre vi desde cedo meus tios e meu pai tomarem, sempre que voltávamos para São Paulo ele levava algumas latas dessa. Acho que esta é a beleza de rememorar, as pinturas te levam a memórias que desencadeiam uma série de outras coisas, mais do que lembrar dos momentos, eu consigo lembrar da voz do cantor, da minha personalidade na época e de como era minha relação com minha família, das coisas que costumávamos fazer e uma lembrança vem trazendo outra e mais outra, e no fim você percebe que existem coisas que não voltam mais.

UM SONHO DE CRIANÇA



Quando vamos preencher algum questionário, fazer uma inscrição ou dar alguma entrevista existem 3 perguntas básicas que geralmente são feitas para nos conhecer: nosso nome, idade e de onde somos. É como se as respostas para estas perguntas construíssem o mínimo da nossa identidade e mostram, ao meu ver, como o tempo e os lugares nos formam ao passo que nos permitem vivenciar diferentes experiências. Não se pode viver fora do tempo e do lugar, eles estão sempre aqui e influenciam na nossa vida e em como lidamos com ela, em nossa visão de mundo. E com a memória é assim também, ela está baseada em espaços e tempos, basta observar que a maioria das vezes quando contamos alguma lembrança costumamos contextualizar a história lembrando o ambiente e nossa idade para dar ao ouvinte uma certa explicação que justifique os acontecimentos. Trago tais pensamentos a partir do que afirma a antropóloga brasileira Myriam Moraes Lins de Barros (1989, p.30):

No ato de lembrar nos servimos de campos de significados - os quadros sociais - que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.

Tendo em vista essa perspectiva e a infinidade de lembranças que permeiam nossa história, faz-se necessário que sejam feitas escolhas e seleções que viabilizem o processo desta pesquisa, e para elucidar como cheguei nas minhas decisões irei voltar um pouco no tempo, explicando o que me levou a tomá-las e porque dentre tantas opções eu escolhi um recorte específico da minha vida, para isso é importante que quem esteja lendo saiba mais sobre minha história pessoal.

Nasci no ano de 2000 na maior cidade do país, São Paulo, e ali cresci e morei por longos 18 anos até me mudar no início de 2019 para Recife. Sou filha de pais nordestinos, José Lacerda e Gislane Anjos, que nasceram e foram criados em uma pequena cidade alagoana chamada Inhapi e que mudaram-se para São Paulo na década de 90. Apesar de terem feito a vida em outro lugar, a maior parte de seus familiares continuou no Inhapi e diferente do que acontece com outros imigrantes que saem pra nunca mais voltar, meus pais nunca se apartaram de suas raízes culturais e eu e meu irmão crescemos bebendo

dessa fonte. Passávamos os meses letivos em São Paulo, mas assim que as férias começavam partíamos para o Inhapi, as viagens eram sempre de carro e eu consigo lembrar da ansiedade daqueles dois dias de viagem até chegar ao destino e da felicidade de poder encontrar quem amamos. E assim eu cresci, meio paulista, meio alagoana, experimentando o melhor e o pior destes dois lugares.

A vida em São Paulo era uma vida cheia de saudade e solitária, eu tinha alguns amigos que levo até hoje no coração, mas não me sentia pertencente aquele lugar, não posso ser mesquinha ao ponto de dizer que fui infeliz, mas também não posso ser mentirosa e dizer que me sentia feliz, me identifico muito com a letra da música de Kleber Cavalcante Gomes (2011, s/p.):

Não existe amor em SP
Os bares estão cheios de almas tão vazias
A ganância vibra, a vaidade excita
Devolva minha vida e morra
Afogada em teu próprio mar de fel
Aqui ninguém vai pro céu

Dentre essa solidão interna e o vazio da cidade, eu passava os dias contando quanto tempo faltava para ir para a cidade de Inhapi, porque era lá que eu realmente me sentia bem, era naquele lugar que eu tinha toda minha família; minhas primas, avós, tios, padrinhos. Minha vida todinha era naquela cidadezinha, lá eu tinha com quem brincar, vários lugares para ir e muita coisa pra fazer. Eu me lembro da felicidade que era na hora da chegada e a tristeza da partida, o choro da despedida, eu passava o caminho todinho de volta para casa pensando "ainda dá pra voltar, pai" e chorava por uma semana até aceitar a volta à vida normal. E foi assim que eu vivi por muitos anos, desejando nunca mais precisar me despedir para ir para tão longe, desejando ficar pra sempre no meu nordeste.

E como eu disse, existem muitas coisas por trás das nossas escolhas, quando chegou a hora de escolher qual faculdade eu queria fazer, resolvi que iria tentar entrar em alguma universidade que ficasse o mais próximo possível do Inhapi, eu ia conseguir conquistar duas coisas ao mesmo tempo: morar no nordeste e fazer uma graduação. E eu consegui mesmo, porque em 2019 estava vindo morar no Recife, lugar que me acolheu tão bem, para cursar Artes Visuais, acho que o dia que eu soube que tinha conseguido a vaga foi um dos momentos mais gratificantes da minha vida. E o melhor de tudo era que agora eu poderia ficar mais perto de toda minha família, iria conseguir passar feriados e mais datas importantes com eles, porque a distância que antes era de dois dias caiu para algumas horas, era como viver um sonho, mas era e ainda é a realidade.

Conforme eu fui crescendo, percebi que existiam algumas coisas da cidade de Inhapi que eu não gostava muito, a exemplo é porque lá existe uma forma de ver o mundo diferente da qual eu acreditava, mas nunca foi um incômodo muito significativo até eu me mudar e começar a passar mais tempo na pequena cidade. Com o início da pandemia em 2020 eu tive que passar muitos meses seguidos no Inhapi e foi um período muito intenso de tudo, eu não era mais do que só uma menina que ia passar férias, era quase uma cidadã, comecei a me introduzir em outros meios sociais e foi estabelecida uma nova relação com aquele lugar.

Quando você se abre pro mundo tem que estar preparado porque nem sempre ele vai te acolher bem, me abrir pro Inhapi foi ter que lidar com os julgamentos e preconceitos de uma mentalidade ainda conservadora que me trouxe muitas inseguranças, foi nesse mo-

mento que nossa antiga relação se transformou: não era mais só o lugarzinho doce da infância, agora ele também era um pouco mais hostil. E foi justamente esses sentimentos complexos e paradoxais em relação ao Inhapi que me fizeram desenvolver meu trabalho autoral, mostrado na figura 3, com o título 'O Inhapi é um eterno querer ir embora e morrer de saudade' para o Projeto Tramações.

Figura 3 - Painel 'O Inhapi é um eterno querer ir embora e morrer de saudade'



Fonte: Walton Ribeiro, 2022.

O trabalho da figura 3 é uma colagem pela qual busquei destacar justamente as coisas boas e ruins que já tinha experienciado naquela cidadezinha. Quando pensei nesta pesquisa, minha ideia era continuar pelo mesmo caminho que segui neste trabalho do tramações, falar sobre o Inhapi em todos os contrastes de sentimentos que ele me proporcionou, mas então resolvi que não queria falar das coisas ruins, eu queria focar

naquele pedaço bom das minhas lembranças, queria rememorar o lugar doce e aconchegante da minha infância que me proporcionou todo o amor que, apesar dos momentos ruins, ainda reverbera em mim.

E aqui foi definido que eu iria explorar minhas lembranças a partir das férias que eu passei no Inhapi, mas particularmente, durante minha infância.

Andando no parque e observando as crianças pude perceber como a infância é uma fase linda da vida, é tudo tão puro e singelo que é até inspirador. Os momentos que eu passei no Inhapi quando criança eram assim, recheados de amor até mesmo quando eu e minhas primas brigávamos e acho que minha vontade de falar sobre esse momento vem da saudade desses dias que não voltam mais, da saudade de quando as coisas pareciam mais simples e eu nem sabia. A vida é dinâmica e muda o tempo todo, mas aquilo que vivi ali nunca será apagado enquanto eu puder lembrar, está inscrito em minha alma e faz parte de quem eu sou, pois como disse a escritora brasileira Lya Luft (2003, p. 9) "A infância é o chão sobre o qual caminharemos o resto de nossos dias."

Voltar às lembranças de infância é como voltar para sua própria casa, não uma casa física, mas um lar interior. Percebo que vivemos em um mundo que corre cada vez mais rápido, dentro de um sistema que dilui a significação da vida e rouba nosso tempo de refletir, as experiências são anestesiadas ao mesmo tempo em que somos bombardeados a todo instante por novas informações, é muita coisa para assimilar e muitos desejos novos sendo criados todo dia, sentimos o peso de querer abraçar o mundo todo de uma vez só, de querer viver intensamente enquanto o tempo parece fugir de nós. Acredito que somos roubados de nós mesmos, o mundo se torna cada vez mais tecnológico e robotizado, sentimos a necessidade de sermos vistos enquanto nossas relações se tornam cada vez mais superficiais.

Esta é a receita perfeita para nos perdermos de nós mesmos, vamos indo, acompanhando a última tendência, achamos que estamos no controle de tudo e de repente percebemos que não sabemos mais quem somos.

Diversos foram os momentos em que me senti perdida, sufocada pelo mundo que me cerca e numa crise existencial onde me questionava 'quem sou eu?' Bom, essa é uma pergunta difícil e talvez não exista uma resposta certa, porque creio que não existam pessoas prontas ou acabadas, acho que estamos apenas sendo e isso nos afeta porque

queremos sempre ser mais, como salientou Luft (2003, p.6) "Somos transição, somos processo. E isso nos perturba". Mas neste processo eu entendi algumas coisas como, por exemplo, compreendi com as pesquisas de Candau (2016, p.19) que: "Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.", ou seja, as bases do meu lar interior passam pelas minhas lembranças e apenas o fato de ter certas lembranças já diz algo sobre quem eu sou.

Acrescento a isso o fato de que acredito que a memória é essencialmente humanizadora, o trabalho de reconstrução é permeado por sentimentos que nos atravessam de diferentes formas e despertam coisas que só nós conseguimos sentir, nos lembrando o quão sensíveis e complexos somos num mundo que cada vez mais enfraquece nossa identidade. Creio que existir é lembrar, visitar nossas memórias é como fazer um passeio por dentro de nós mesmos, buscando entender quem nós somos e por quê somos assim, como reforça o filósofo francês Gaston Bachelard (2013, p.197) "Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das "casas", dos "apostentos", aprendemos a "morar" em nós mesmos." Assim, falar sobre minha infância no Inhapi é buscar trazer um sentimento de pertencimento, de reforçar as bases de onde eu vim e do que gostaria de continuar mantendo vivo independente dos novos rumos que a vida tomou porque serei sempre esse pedaço de vida nesse pedaço de mundo.

Quando as fotografias falam

Em minha casa sempre existiram muitas fotos, quando criança eu adorava ser fotografada e conforme fui crescendo aprendi a gostar de fotografar o mundo. Antigamente era mais comum revelar fotos e todos se reuniam para vê-las e relembrar histórias, com o tempo esse próprio ato se tornou um pouco nostálgico visto que hoje em dia é muito mais comum armazenar fotos em dispositivos digitais, mas independente do formato em que esteja, a fotografia funciona como um disparador de memórias capaz de despertar aquelas lembranças que estavam adormecidas, pois como destacaram as pesquisadoras brasileiras em documentação, Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá e Ana Clara Serra Damasceno (2023, p. 9):

Ela é portadora de histórias e sua importância reside na capacidade de eternizar momentos e acontecimentos, e como uma fonte histórica, e uma fonte informacional, favorece o resgate da memória, a presentificação do passado, além do mais, ao documentar algo, ela exerce o papel de mediadora da informação.

Assim, como a citação, para mim, rever fotos antigas continua sendo um momento de rememorar acontecimentos, sentimentos e de ver o quanto a vida mudou, despertando saudade do que passou ou alívio por não ter que viver mais aquilo.

A antropóloga brasileira Mariana Ferraz Musse (2019) relata em sua pesquisas que a popularização da fotografia a partir da era Kodak, de 1888 a 1990, permitiu que as famílias e os sujeitos pudessem se representar e contar suas próprias narrativas através de imagens que registravam aquelas lembranças que pretendiam preservar. Deste ponto de vista, creio que as fotos ganham espaço como bens simbólicos ao passo que como apontou Barros (1989) não são apenas objetos, pois trazem consigo histórias e retratam costumes e experiências, despertando vivências e sentimentos.

Ainda, me aproximando da ótica de Barros (1989), compreendo que as imagens fotográficas possuem uma espécie de função social pois além de ilustrar costumes familiares são capazes de trazer reflexos de uma sociedade, além de ter uma noção de

como era determinada família e do que gostavam de fazer, é possível observar sobre o tipo de roupa que usavam, a construção e decoração do lugar em que estavam, e os valores de uma outra época dependendo do grupo social ao qual pertenciam.

Expostos tais apontamentos, resolvi, em dezembro do ano de 2023 abrir a caixa, mostrada na figura 4, que guarda os álbuns de fotografia da minha família.

Figura 4 - Fotos da caixa de memórias da família



Fonte: A autora, 2024

Recorri a este espaço de lembranças em busca de imagens que pudessem me inspirar, para que me acendessem aquelas memórias que eu nem me recordava de ter guardado. Essa caixa de fotos era organizada pela minha mãe, ela nunca gostou muito de ser fotografada e por isso tirava a maioria das fotos, depois mandava revelar e organizava naqueles álbuns de capa simples da Kodak, como mostrado na figura 4, que eram brancos com uma listra larga amarela que continha o nome da marca.

Conforme fui crescendo eu assumi o papel de tirar e selecionar as fotos, o que mudou um pouco o tipo de imagem que passou a ser revelada porque eu gosto bastante de registrar paisagens e detalhes, recorro certo momento em que meus pais reclamaram porque eu tinha mandado revelar várias fotos de praia. Essa mudança no estilo de foto passa pelo que elucidaram Sá e Damasceno (2023) no tocante ao fato de que o olhar do fotógrafo define muito do que a imagem vai comunicar, pois é quem tira a foto que vai organizar a composição, dizer se algo deve mudar de lugar e colocar seu ponto de vista sobre aquele momento, assim o olhar do fotógrafo organiza a narrativa da história que as fotografias trazem.

Eu lembro, por exemplo, de alguns dias que minha mãe me arrumava exclusivamente para tirar fotos, escolhia a roupa e os objetos que eu iria segurar e depois me dava o comando das poses que eu deveria fazer, era tudo feito a partir das decisões dela sobre o momento.

Durante o trabalho de me dedicar a horas vendo e selecionando imagens percebi algumas coisas, existia uma espécie de padrão dos momentos que eram registrados: batizados, aniversários, casamentos, churrascos, férias, algum dia importante como um dia temático na escola; padrões exemplificados na figura 5.

Figura 5: Padrões de fotos encontrados



Fonte: A autora, 2024.

Estas fotografias mostradas acima tinham duas coisas em comum: foram tiradas em algum tipo de evento da minha família onde era importante mostrar quem estava presente. As fotografias documentam momentos selecionados, onde o que é registrado sobre os indivíduos e sobre a família é aquilo que é interessante ser exposto para contar a história familiar, assim como destacaram Sá e Damasceno (2023, pg. 8-9):

Portanto, o registro deve caracterizar o grupo, registrar e perpetuar uma identidade pretendida, a sua marca identitária, excluindo-se da fotografia aquilo que pode descaracterizar o grupo ou mesmo algo que possa depreciá-lo.

Apesar de nenhum registro ser feito sem uma intenção filtradora e do fato de existirem fotos posadas e mais organizadas, o que mais gosto nessas antigas fotografias é a espontaneidade, não uma espontaneidade fingida que vemos hoje em dia através das novas modinhas nas redes sociais, mas uma espontaneidade que vem de uma realidade que estava realmente sendo vivida, é a vida acontecendo em seu maior estado de pureza através de olhares que deslocam um acontecimento simples pra um lugar mágico e aconchegante.

A partir da minha observação, percebi que antigamente as fotos eram mais reais, isto pode ocorrer pelo fato de que hoje somos bombardeados por imagens que retratam um falso naturalismo ou que estão cheias de manipulações, ficamos obcecados pela perfeição estética da foto, pelo aesthetic, focamos mais no registro do que em viver o momento porque parece que precisamos provar para os outros aquilo que estamos vivendo. E eu não digo isso apenas para apontar nos outros que eles estão errados, eu também faço uma autocrítica de me perceber neste lugar, mas venho tentando me desvencilhar destas amarras e me proponho a tentar registrar aqueles que amo em seus momentos habituais, porque ver a vida acontecendo é algo lindo.

Passeando por um tempo vivido

Abrir a caixa de fotografias da minha casa possibilita acesso a uma enorme quantidade de imagens de diferentes épocas, lugares e pessoas; já vasculhei aquelas fotos muitas vezes, mas sempre tenho a sensação de que é a primeira vez, gosto de me surpreender, de rir dos penteados e das roupas de antigamente e de fazer uma infinidade de perguntas para os meus pais sobre aquilo que eu não sei. É sempre uma nova possibilidade de ver um detalhe que não tinha visto antes, de descobrir algo novo, até porque é sempre um novo olhar de uma Isabella atualizada pela vida.

Meu carinho por esse período da minha existência vem muito do fato de que quando eu passava férias no Inhapi era sempre um momento de diversão, onde eu estava com minha família, principalmente minhas primas. Essas lembranças são importantes porque estou com as pessoas que amo, compartilhando a vida, mas apesar de envolverem outras pessoas, é preciso lembrar que os relatos que vou apresentar aqui partem de uma seleção minha, trazendo meu ponto de vista sobre os acontecimentos com algum apoio de terceiros quando necessário, pois como destacado por Halbwachs (1990, p. 25): "Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras".

Fica muito fácil perder-se nesse pequeno mundo de possibilidades que aquela caixa oferece e por isso precisei ver as fotos através de um olhar mais direcionado ao meu objetivo, eu precisava de fotos da minha infância durante as férias no Inhapi. Comecei a selecionar as fotos que se encaixavam nesse perfil e ainda assim eram muitas, então optei por separar aquelas que eu mais gostasse, aquelas em que eu batia o olho e algo acendia dentro de mim, pois como salientou Barros (1989, p. 40):

A imagem não é senão o ponto de partida para essa viagem, para um despertar de uma memória de sentimentos e emoções. São estes, na verdade, os responsáveis pelo movimento do olhar que, selecionando, escolhe, elimina e estabelece, por fim, as melhores fotografias, aquelas mais fiéis à ideia que construímos da realidade.

Assim, ao final, eu tinha separado em torno de 50 fotos em que eu aparecia sozinha ou acompanhada de familiares, onde estava em diferentes lugares ou eventos sociais e mais algumas em que eu não estava necessariamente presente, mas que havia sido a fotógrafa ou que simplesmente pareciam importantes para completar o sentido das outras imagens. Após a escolha das fotografias, foi o momento de separá-las de acordo com as características que apresentavam em comum e com as lembranças e ideias que me traziam, chegando a 6 pequenos subgrupos representados na figura 6:

Figura 6 - Mapa subgrupos



Fonte: Arquivo de pesquisa, 2024.

Feitas estas separações, comecei a analisar individualmente cada subgrupo.

O primeiro que analisei foi o meu batizado, cuja imagem está identificada pela figura

7.

Figura 7 - Fotos do meu Batizado



Fonte: a autora, 2024.

Observei as fotos expostas na figura e, de fato, não consigo me lembrar de nada desse dia porque eu era muito pequena, mas gosto de olhar as fotos e observar os detalhes, como o fato de perceber que me pareço com minha tia quando ela era mais nova. Acho engraçado porque bate uma certa saudade de algo que eu nem tenho memórias próprias.

Fui batizada junto com minha prima na primeira viagem que fiz ao Inhapi, com 6 meses, e depois, segundo relatos da minha mãe, foi realizado um almoço na casa da minha vó. Uma história que gosto de ouvir é quando minha mãe conta sobre como eu fiquei encantada pela chama da vela, tentando até pegá-la, e em uma das fotos consigo ver justamente esse momento, onde meus olhinhos brilham pelo fogo. É comum na cidade de Inhapi que aniversários, festas, casamentos e batizados sejam comemorados no final do ano, porque é a época que todos aqueles que foram pra outro lugar voltem para passar um tempo com a família. No meu batizado, não foi diferente, meus pais esperaram para fazer nesta cidade porque era lá que estavam as pessoas que eles queriam ter por perto nesse momento importante, os padrinhos que escolheram para mim também moravam lá.

Outra coisa que me chamou atenção foi a figura do Padre, porque esse padre em específico está presente em várias outras fotos que vi, inclusive foi ele quem realizou o

casamento dos meu pais, penso que ele foi uma pessoa marcante em momentos importantes da vida de muitas pessoas durante um bom tempo.

Minha família tem uma longa história com espaços rurais, meu pai foi criado em um sítio antes de ir embora pra São Paulo, cresci vendo minha madrinha morar em um e meus avôs também moravam. Até hoje passar domingos e feriados nos sítios fazem parte das nossas tradições familiares e eu adoro esses momentos de paz e de confraternização, de contato com a natureza e com animais, que me lembro que existem desde que era criança. Eu recorro de certa vez que meu padrinho me deu uma pequena ovelha de presente, obviamente não consegui levá-la pra casa e chorei muito por ter que deixar a pequena sob cuidados do meu avô. Lembro do medo que sentia quando andava de cavalo e lembro de quando nossa família se reunia no sítio do meu avô para vacinar o gado, meu pai e meus tios iam cuidar dos bichos enquanto as mulheres preparavam o almoço, que normalmente era buchada, odiava o cheiro daquilo e não comia de jeito nenhum, sempre amei tudo ligado ao nordeste, menos a comida porque meu paladar é paulista. Mas essas experiências, apresentadas na figura 8, só aconteciam no Inhapi, porque em São Paulo não frequentávamos esse tipo de ambiente.

Figura 8 - Sítio



Fonte: a autora, 2024.

Partindo das fotos expostas na figura acima, reflito como o sítio traz essa energia de liberdade, em todas as imagens que estou nesses lugares pareço muito livre e leve. Mas, acho que o que mais gosto nessas fotos é que elas me permitem ter um pouco dos meus dois avôs, porque tenho poucas lembranças de fato com os dois. Meu avô materno morreu quando eu tinha 4 anos, a única memória que me recordo com ele é do dia em que fomos avisá-lo que iríamos deixar a ovelhinha no sítio e lembro de algumas coisas do seu velório, de observá-lo no caixão. Não tenho nem fotos com ele, a única coisa que encontrei foi uma imagem em que estamos no mesmo ambiente, minha mãe me segura no colo enquanto ele passa, o máximo que consegui.

Meu avô paterno viveu muito tempo, morreu em 2023, mas não tenho boas lembranças com ele porque quando eu ainda era criança ele começou a desenvolver alzheimer, com pouco tempo não sabia mais que eu era sua neta e ficou guardado em mim apenas os momentos em que ele já estava doente, me deixava muito triste ver a situação a que ele chegou no final da vida. Meus pais contam que quando eu era pequenininha, antes de ele adoecer, nós íamos visitá-lo e eu sempre pedia uma 'oncinha' (nota de 50 reais), engraçado que eu consigo visualizar essa cena na minha cabeça, mas não sei se é algo realmente meu ou apenas a imaginação a partir do que escutei, independente do que seja, gosto de lembrar desse momento nosso, pois como destacado por Sá e Damasceno (2023, p. 15) :

Para além do reencontro e reconhecimento individual, ou mesmo de grupos, a imagem fotográfica também permite e abre espaço para que outros agentes nela se reencontrem. A sua característica polissêmica acaba por viabilizar que inúmeras interpretações sobre o referente fotográfico sejam possíveis como mediadora, vista como uma "ponte" entre tempos, sujeitos e gerações. Enquanto ponte, a fotografia integra objeto e sujeito, e como mediadora possibilita que outras realidades sejam criadas.

Sinto saudades das coisas que não vivi com meus avôs e essas fotos me lembram um pouco sobre quem eles eram e da onde vieram, é uma forma de nos conectar para além do vivido, de criar uma ponte afetiva entre nós, mesmo que seja a partir de momentos imaginados.

Costumávamos passear muito quando estávamos no Inhapi, porque eram férias e eram os momentos que a família tinha para aproveitar junto, então muitas eram as vezes que meus pais enchiam o carro com as crianças e nos levavam até o Rio São Francisco ou que tiravam algum final de semana para ir a Maceió visitar a praia. Eu lembro até hoje de como eu e meus primos passávamos o dia todo dentro da água, só saíamos na hora que nossas benditas batatinhas fritas chegavam, comíamos rapidinho e todos voltavam pra água. Recordo também que mesmo felizes, tínhamos muito medo porque falavam que ali naquela área do rio existia muita piranha, que elas mordiam e que podia até arrancar o pedaço. Creio que para nós, que éramos crianças, aqueles momentos eram os melhores e mostro um pouco deles na figura 9.

Figura 9: Rio São Francisco.



Fonte: a autora, 2024.

Observando essas fotos, lembrei o quanto eu era magrinha quando era criança e todo mundo da minha família comentava sobre, falavam que eu precisava comer mais, criticavam o que eu comia e faziam uma cara como se eu fosse uma pobre coitada desnutrida, era uma situação bem desagradável que eu detestava.

Ainda nessa minha jornada de separação das imagens, achei uma foto perdida onde estou com minhas primas nos brinquedos de um parquinho de diversões, é uma fotografia que não faz parte de um subgrupo, mas é importante e está exposta na figura 10.

Figura 10 - Festa de Reis



Fonte: a autora, 2024.

Estes brinquedos eram de um parque que ia todo ano durante a festa de reis, nossas mães iam com a gente mais cedo, brincávamos em todos os brinquedos e depois tomávamos um sorvetinho de corante vermelho, que era típico daqueles parques e que era uma delícia, apesar de só ter gosto de corante. Depois de brincar, a gente voltava pra casa pra dormir e nossos pais iam para a festa de adulto que começava mais tarde, com cantores e bebidas alcoólicas. Lembro da minha animação quando finalmente tive idade para poder ir para a festa, mas não achei muito legal, acabei ficando com sono e fui dormir cedo.

Esta festa não existe mais e nós não vamos mais juntos ao rio com tanta frequência, mas até hoje eu faço questão de tomar meu sorvetinho de parque sempre que posso, porque ele e as batatinhas da praia tem um sabor que me levam a estes dias felizes. Percebo a partir desta experiência a importância dos sentidos para a construção das

minhas lembranças, pois como disse a artista e professora Fayga Ostrower (1987, p. 12) "a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações", os sentidos se tornam pontos de ancoragem, onde lembrando dos gostos, cheiros, conversas e outras sensações posso despertar emoções que me levam aos momentos onde isso se tornou significativo, me trazendo as experiências marcantes vividas e todo o seu contexto. Uma rede de pensamentos se forma pelo simples acionar de um dos sentidos, processo salientado pela professora e pesquisadora Maria Betânia e Silva (2024, p. 118) ao afirmar que "para que a memória exista é preciso que os sentidos sejam acionados. Isto ocorrendo causa a experiência que constrói representações e não há pensamento sem representações." E é por meio desse movimento que consigo resgatar momentos como os dias no parque, na praia e muitos outros.

E apesar de tudo o que já narrei aqui, com certeza o lugar que mais aparece nas fotos que tem em minha casa e o lugar mais importante de tudo foi a casa da minha avó materna. A casa dela era o coração de tudo, era onde eu e meus pais ficávamos durante as férias e era o ponto de encontro e de celebração de todos da família, reuni algumas dessas imagens em que esse espaço aparece na figura 11.

Figura 11 - Casa de vó



Fonte: a autora, 2024.

Vendo essas fotos, percebo como tenho boas lembranças nessa casa: lembro do doce de leite que minha avó fazia pra mim porque era meu preferido, lembro que eu e minhas primas passávamos o dia brincando de tudo que é brincadeira - e também brigando - lá, lembro de quando a gente ía tomar banho de chuveirão, era um frio danado mas a gente adorava. Lembro de algumas celebrações que foram nessa casa, já teve até aniversário meu, mas tenho uma lembrança maior das festas de final de ano, do pinheiro que ela tem até hoje no quintal e que sempre era enfeitado com pisca-pisca para o natal, certa vez foi minha mãe quem virou papai noel para entregar os presentes para gente. E eram nesses momentos, em que estavam todos arrumados, que juntava todo mundo para tirar aquelas fotos posadas de família que marcam os diferentes anos.

Todos os meus tios que moram no Inhapi ficavam ansiosos pela nossa chegada, porque era a época que minha avó fazia comida boa todo dia, era a época dos presentes, dos passeios, das celebrações. Depois a minha avó sempre reclamava que quando a gente voltava pra São Paulo os outros filhos demoravam a ir ver ela.

Todo dia, quando estávamos na cidade, a família toda se reunia para o jantar na casa da minha avó e depois íamos todos para a parte de fora, onde ficava o jardim, lá era mais ventilado e todo mundo ficava conversando. O jardim dessa casa é um espaço a parte que merece reconhecimento, minha avó sempre adorou plantas, quando eu nasci o jardim já estava lá e sempre foi um lugar muito bonito, então ele está presente em várias fotos e momentos. Sempre que alguém queria tirar uma foto bonita ia para o jardim, eu tenho várias registros lá ao longo de toda a vida e fotografei meus primos também, eram os books que fazíamos, até meu ensaio fotográfico de 15 anos foi nesse jardim. Por isso resolvi unir as fotografias dessa parte da casa em um outro conjunto exposto na figura 12.

Figura 12 - Jardim



Fonte: a autora, 2024.

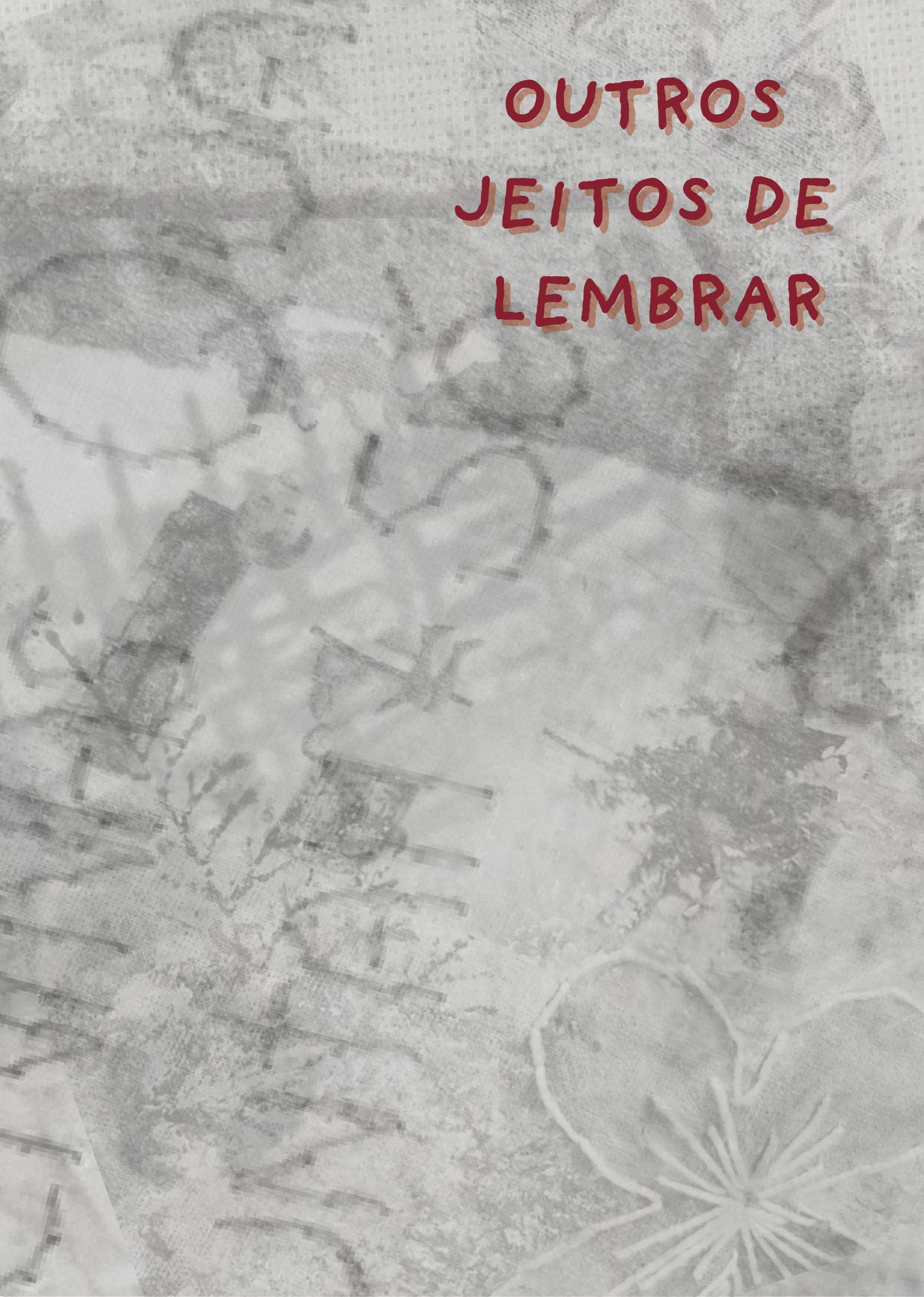
Brinquei muito nesse jardim, uma vez descobrimos que uma planta tinha muitas joaninhas e ficamos viciadas em catar as pobres joaninhas, brincávamos de esconder objetos nas plantas e achar, de fazer comidinha com elas e qualquer coisa que a imaginação de um monte de crianças juntas permitisse. Lembro de como era bom o finzinho de tarde naquele jardim enquanto minha avó regava as plantas, eu adorava ajudá-la nisso e ela dizia que não podia deixar a água fazer buraco na terra. E partindo dessas lembranças lembrei de uma passagem da poesia 'Achadouros' escrita pelo poeta Manoel de Barros (2018, p. 31):

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande.

Olhando as fotos percebi que aquele jardim foi espaço de muitas pessoas, mesmo quando eu ainda não existia, ele foi ponto de encontro e de interação para minha família, um espaço coletivo atravessado por diferentes gerações que trarão variadas experiências, onde poderão aparecer juntos ou não, mas que terão nesse espaço um ponto de ligação em suas lembranças, um espaço significativo de integração do nosso grupo familiar.

Desse jardim, uma fotografia em específico me chamou atenção porque dava pra ver a cidade ao fundo, eu percebi o quanto ela mudou com o passar do tempo. Na foto dá pra perceber as ruas atrás da casa da minha avó com poucas construções e muito mato, hoje em dia aquilo tudo ali já está tomado por casas. O Inhapi cresceu bastante e mudou muito, não só a cidade como todos aqueles que moram nela, a própria casa da minha avó mudou bastante, muita coisa saiu e entrou. E as relações também mudaram, nos últimos anos me afastei bastante das primas que eu cresci grudada e a casa da minha avó ficou mais vazia depois que meus pais construíram a própria casa no Inhapi.

No ritmo da vida que muda o tempo todo, estas fotos são testemunhos de um tempo que permanece vivo dentro de mim, elas servem de consolo para aquilo que se perdeu e mantêm vivos aqueles que nos deixaram. É olhar para elas é sempre ver algo novo, sentir de novo e ter a certeza que as coisas mudam, mas não se apagam, pois como Barros (1989) lembra "Os limites desta vida expandiram-se pela recordação".



**OUTROS
JEITOS DE
LEMBRAR**

A parte prática para mim é a mais complicada e quando finalmente chegou o momento de materializar as lembranças, me vi meio perdida e estagnada, foi o momento da pesquisa que mais me senti ansiosa. Criar é, nas palavras do produtor musical Rick Rubin (2023, p. 10), "trazer à existência algo que antes não existia", é algo que se espalha pelas mais diversas áreas da vida humana e se aplica em diferentes situações, algo que pode ser desenvolvido por todos os indivíduos, desde o mais simples até o mais famoso, pois como reforça Ostrower (1987, p. 5) "Consideramos a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades.", ideia também reforçada por Rubin. O fato é que a capacidade criativa faz parte da atividade humana, algo palpável a todos, a diferença é que talvez os artistas sintam um desejo diferente de expressar essa necessidade natural.

Ostrower (1987) lembra que o criar sofre influência do filtro cultural a qual toda a existência é colocada sob e que é uma atividade desenvolvida como forma de compreender o mundo, significar a vida e entender a nós mesmos. A partir destas considerações pude perceber como a memória e a criação atuam juntas, sob os mesmos processos e objetivos, e se a memória está sempre trazendo novas ligações e interpretações entre nossas vivências, vejo-a como essencialmente criadora. Parece que tudo se encaixa muito bem nas ideias que justificam e guiam meu interesse pela memória como matéria artística.

Eu sabia que precisava escolher dentre as minhas memórias aquelas que eu realmente queria trabalhar e sabia a forma como queria tratá-las. O Inhapi é uma cidade que fica no sertão de Alagoas e eu queria falar sobre este lugar de um jeito afetivo, sem todos aqueles estereótipos nordestinos que conhecemos de outras produções, sem aquela visão de miséria, seca e agressividade; eu queria reforçar minha vivência nesse espaço, um sertão cheio de amor, felicidade e doçura, que traz a leveza da infância.

Primeiramente era preciso escolher quais materiais iria querer usar e isso não foi difícil, resolvi escolher a fotografia e o bordado como suportes artísticos, isso porque são linguagens que já tenho certa afinidade desde os primeiros projetos dentro da universidade e porque possuem relação com as próprias lembranças. As fotos foram os dispositivos mediadores de memória que usei para mapear minhas lembranças e o trabalho manual com agulhas e linhas está dentro da minha própria história familiar, minhas duas avós foram costureiras e minha mãe desenvolve diversos trabalhos têxteis também, lembro de vê-la

bordando o enxoval do meu irmão quando eu ainda era muito pequena, então fazia muito sentido que utilizasse estes materiais.

Após isso decidi que três era um bom número de produções para este trabalho, penso que não seria muito e daria para explorar bastante coisas. E pensei também na estética, ao contrário de outros trabalhos onde usei muito a cor vermelha, queria que essas produções tivessem mais leveza, então resolvi que iria usar várias cores alegres que remetesse ao ar lúdico da infância, me inspirei nas aquarelas do artista pernambucano Cícero Dias e nos desenhos da ilustradora argentina Eva Uviedo, mostrados na figura 13.

Figura 13 - Aquarela 'Composição' de Cícero Dias a esquerda e ilustrações de Eva Uviedo para o livro 'Queria ter ficado mais' à direita



Fonte: Reprodução da internet e autora, 2024

As pinturas de Cícero causaram choque no começo de sua carreira justamente pela exploração cromática e proporções diferentes que ele utilizava num período em que exigia-se uma primazia formal da Academia de Belas Artes, suas obras traziam um universo meio fantástico sendo associadas a desenhos de crianças. Já Eva produziu aquarelas para ilustrar o livro 'Queria ter ficado mais', organizado por Cecilia Arbolave e que traz histórias de 12 mulheres contando sobre viagens que fizeram e que se tornaram especiais por algum motivo, as aquarelas de Eva ilustram cada uma dessas histórias com a leveza das cores e traços.

Depois destas definições mais práticas, comecei a pensar na parte temática, quais lembranças dentre as várias que eu narrei iria querer focar e destaquei alguns pontos mais importantes como a presença de muitas menções a diferentes comidas nos meus relatos, a figura sempre muito presente do sítio e da casa da minha avó e a relação com minhas primas.

E aqui as coisas começam a fluir mais caóticas do que o planejado. Eu sabia quais questões queria tratar, mas não sabia ao certo como, pesquisava para tentar encontrar algo que me desse um norte maior, mas sentia que nada estava realmente ao alcance das coisas que eu queria retratar, parecia que nada era bom o suficiente para mostrar o que eu sentia. Então comecei a ser invadida por aquela sensação de ansiedade e de frustração, me sentindo pressionada pelo pouco tempo que tinha. Respirei três vezes e percebi que eu precisava começar de algum lugar, porque assim poderia ser que essa ansiedade inicial passasse e abrisse caminho para um fluxo de novas ideias.

E foi o que fiz, comecei a pensar na importância dos sentidos que já citei e que foram muito discutidos durante as aulas de Memória e Narrativa ministrada pela professora Maria Betânia e Silva, sentidos que são capazes de despertar lembranças. Nessa disciplina, estava na semana onde precisava criar algo que trouxesse uma memória relacionada com a audição e lembrei das gargalhadas que eu e minhas primas soltávamos quando estávamos juntas, era barulho de alegria, e mais que isso, lembrei de como minha avó reclamava do nosso barulho e sempre dizia que a gente só sabia 'rinchar', algo como relinchar igual um cavalo. Não foi algo que me recordei quando estava narrando minhas memórias aqui, mas que acabou surgindo pelo resgate de um sentido específico. E foi partindo dessa lembrança que criei a primeira obra que produzi para esta pesquisa e que está representada na figura 14.

Figura 14 - Barulho de felicidade



Fonte: a autora, 2024.

Eu escolhi três fotos onde estava com minhas primas em momentos alegres e as sobrepus no computador, deixei as fotos mais transparentes para que se confundissem, achei que era uma forma de trazer um pouco de leveza e magia e iria ajudar com que o bordado ganhasse mais destaque quando fosse feito por cima. Depois escolhi a cor rosa por achar que combinou bem com as cores da foto e bordei a frase repetida pela minha avó tantas vezes: "Essas meninas quando se juntam só sabem rincar". Ao final, gostei bastante de como ficou e creio que consegui trazer o sentimento de felicidade daqueles dias, seja pela frase ou pela foto mais destacada que mostra pequenas mocinhas se divertindo.

Paralelo ao fazer deste primeiro trabalho já estava pensando nos outros. Eu queria muito fazer algo sobre o jardim da minha avó, pensei em seguir pelo caminho da sobreposição de fotografias ou em fazer uma pintura bordada que retratasse a mim e ela no jardim, já que acho que muitas pessoas experienciam essa vivência do jardim das avós, mas numa noite, quando os pensamentos parecem que fervem na minha cabeça, tive uma ideia que sentia ser a certa. Achei interessante perceber como algumas coisas surgem de um lugar que eu não sei qual é a origem, mas elas aparecem de forma meio inconsciente e intuitiva e parecem estar no lugar certo, reflexão trazida por Ostrower (1987, p. 10):

Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem, como será visto mais adiante, toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos. As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e que determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma.

Assim, por meio dessa minha ideia repentina e alegradora, resolvi que poderia usar as próprias flores e plantas do jardim para criar algo, talvez uma colagem ou impressões botânicas?? Seria ótimo utilizar o próprio objeto como ferramenta artística e quando fui a casa da minha avó, colhi as plantas junto com ela e criei o pequeno painel exposto na figura 15.

Figura 15 - Quintal maior do que a cidade⁴



Fonte: a autora, 2024.

Escolhi uma foto em que minha avó aparece comigo no jardim e transferi para o tecido com uma técnica que mistura cola e verniz. Depois usei as diversas plantas coletadas e fiz impressões ao redor da foto, como se estivessem saindo da imagem, fiz várias sobreposições e utilizei várias cores diferentes porque as próprias flores trazem essa vivacidade e variação cromática, então fazia sentido com a ideia inicial das cores alegres da infância. A princípio eu queria algo bem "cheio", mas depois comecei a achar que estava muita informação, fora isso o contorno das flores não fica tão bem definido quanto eu desejava e algumas partes pareceram virar uma bagunça. Não estava gostando muito

⁴ Referência a poesia 'Achaduros' de Manoel de Barros.

e queria refazer, só que não tinha mais as flores que tinha pegado, então pensei em fazer um novo painel com flores bordadas, mas a transferência da foto deu errado e eu estava ficando sem tempo. Voltei ao que tinha feito e adicionei contorno com um bordado branco em algumas impressões que estavam mais bem definidas e parece que esse detalhe trouxe uma nova dimensão, era como trazer pontos de luz.. Não sei se amei o resultado, mas me senti satisfeita pelo o que consegui em meio a este pequeno caos.

Partindo desse momento, trago uma passagem sobre as potencialidades e adversidades da matéria no percurso de criação artística citada por Ostrower (1987, p. 34) que diz: "Trata-se de potencialidades da matéria bem como de potencialidades nossas, pois na forma a ser dada configura-se todo um relacionamento nosso com os meios. e conosco mesmo." A obra vai se construindo no caminho, planejei tudo certinho, mas as coisas não seguem o ritmo da minha cabeça e precisei me adaptar às limitações materiais e exteriores que se apresentaram, fui aprendendo a lidar com o que tinha e criando novas possibilidades, ao mesmo tempo em pude pensar em muitas outros jeitos de amadurecer essa ideia futuramente. É interessante perceber como em um momento eu me sentia insegura e sufocada por não saber o que fazer e depois me sentia exatamente igual por ter muitas ideias legais, eu queria fazer tudo de muitas maneiras diferentes, mas precisava ser objetiva com o tempo. Acho que este é o caos de emoções que consome o artista.

E a última produção surgiu nesse limbo entre o nada e o tudo. Dia 22 de agosto é comemorada a emancipação política da cidade de Inhapi e eu estava lá, durante o processo desta pesquisa, pela primeira vez, para prestigiar a comemoração. Neste dia ouvi o hino da cidade e o verso que dizia 'Terra feliz Inhapi' me tocou na hora, achei bonito e parecia ter tudo a ver com o que estava fazendo e com o sentimento que tinha da minha infância. Então assim, ao acaso da vida, pensei na última obra pronta aqui apresentada na figura 16.

Figura 16: Terra Feliz Inhapi



Fonte: a autora, 2024.

No início pensei em fazer apenas um bordado com o verso do hino e o contorno do mapa da cidade que é tão importante para mim, algo para representar mais o sentimento de felicidade que eu senti na infância do que as lembranças em si. Mas depois comecei a achar que ainda estava faltando algo e pensei que seria uma boa ideia colocar uma fotografia para trazer mais unidade às três obras. Optei por uma foto onde apareço no sítio com meu pai e as ovelhas, ela traz algo que eu já queria mostrar, o sítio, e ainda evidencia esse espaço da minha vida que aparece só quando estou no Inhapi. Então parecia ser o mais adequado.

Fiz um ponto de bordado diferente que mistura duas cores, escolhi utilizar rosa e verde porque penso que são cores alegres e vivas que combinavam com a fotografia e me remetem à doçura infantil, a algo meio lúdico. Quando finalizei fiquei me perguntando se não teria sido melhor deixar apenas com uma cor, pensei em desmanchar o bordado, mas minha mãe disse que tinha gostado do resultado e não desfaria se fosse ela. Então, finalizei o trabalho assim mesmo.

Creio que sempre existirão infinitas maneiras diferentes de construir uma mesma obra artística, cada decisão que o artista toma leva a um novo resultado e novas combinações estéticas que não aconteceriam se a decisão tivesse sido outra. A cor da linha, o ponto de bordado utilizado, o tipo de tinta e de papel. Cada escolha é um mundo novo a ser explorado, se parar pra pensar, o processo de construção de uma obra de arte é como viver, ideia defendida por Ostrower (1987, p. 56):

Assim como o próprio viver, o criar é um processo existencial. Não abrange apenas pensamentos nem apenas emoções. Nossa experiência e nossa capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados se originam nas regiões mais fundas de nosso mundo interior, do sensorio e da afetividade, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo que o intelecto estrutura as emoções.

Seja na arte ou na vida, sempre existirá mais a ser feito e percebo que é impossível, para mim, esgotar e explorar tudo o que desejo no curto espaço deste trabalho.

Entre momentos de satisfação, insegurança por achar que não estava bom o suficiente e medo de não conseguir, consegui concluir as 3 obras que pretendia fazer no início e ainda idealizar muitas outras que quero fazer num futuro próximo, pois ainda existem lembranças e sensações que sinto necessidade de expor através da arte. Gostaria muito de ter feito algo para refletir sobre a falta que sinto dos meus dois avôs, mas não consegui pensar em nada que estivesse à altura daquilo que eu queria expor, então deixo aqui a semente do desejo para futuros trabalhos, visto que esta pesquisa é apenas começo de uma vasta jornada pela minha busca memorial.

CONCLUSÃO



As memórias se mostraram um campo vasto de exploração onde suas possibilidades parecem infinitas e sua relação com a arte é profunda, seja pela forma como se apresentam através da cultura, ou pelo modo como uma tem o poder de materializar e refletir sobre a outra. Rever nossas memórias é acender nossa humanidade e nesse cenário voltar às minhas lembranças de infância foi lembrar quem eu sou, da onde vim e o que é importante para mim, recuperando sentimentos perdidos de uma época em que não existiam inseguranças, apenas um mundo simples e mágico.

Foi um momento de revisitar uma história já conhecida, mas com um novo ponto de vista e sei que quando fizer esse movimento de rememoração novamente, já serei outra com um novo olhar. É o mesmo sempre visto de forma diferente.

Percebi que o mais interessante, seja das lembranças de outras pessoas ou das minhas, é o fator humano. As memórias se fazem na interação entre pessoas e com o mundo, ela é essencialmente social e aflora aquilo que temos de mais humano, a capacidade de sentir e compartilhar esse sentimento. Porque é assim que a memória se torna - e permanece - viva, pela capacidade de estar e chegar ao outro.

Quando pensei em basear minha poética nas minhas lembranças familiares, me questionei se isso faria algum sentido por achar que talvez fosse algo muito particular, mas ao longo do percurso pude perceber como dificilmente alguma experiência é única, afinal, por trás de cada indivíduo e de suas vivências existe uma teia de influências socioculturais. Entendi que a produção artística baseada em minhas memórias poderia servir como dispositivos desencadeadores de lembranças de outras pessoas, criando um sentimento de identificação e para além disso, para aqueles que não se reconhecerem ali, a obra pode servir como um meio de mostrar novas histórias antes desconhecidas, trazendo outras visões de mundo e vida. É uma forma de tentar manter algo vivo no outro.

Mas, creio que o maior aprendizado que tiro é o de ter coragem de explorar meu lado artístico, vendo como processo artístico não se faz de forma linear, mas sim através de um caminho tortuoso que sempre pode nos surpreender, nos fazendo recalcular a rota em muitos momentos e nos forçando a lidar com os erros e frustrações. Percebi que esta pesquisa e as obras aqui produzidas são apenas o começo de um mundo de infinitas possibilidades que desejo explorar ainda mais, porque aqui é muito pouco para todas as ideias que brotaram na minha cabeça no percurso e a memória é uma fonte inesgotável de

material.

O artista e sua obra não se formam dentro de uma única pesquisa, na verdade, creio que não se formem nunca... o artista e seu trabalho estão sempre em processo, em contínua formação e transformação, assim como todos os indivíduos e a vida. Não existe o perfeito, existe o caminho e as memórias que constroem quem estamos sendo neste segundo, que é diferente de quem fomos no segundo anterior e de quem vamos ser no segundo seguinte.

Assim, sigo sendo a eterna criança feliz que viveu momentos inesquecíveis em uma cidade do sertão alagoano que não se separa da menina mulher artista que estará sempre em construção. Se sou quem sou hoje é por causa deste pequeno pedaço de terra e das lembranças que carrego dentro de mim. Termino - talvez pausar seja o termo mais adequado - com as palavras de Luft (2003, p 5):

Não sou a areia onde se desenha um par de asas ou grades diante de uma janela. Não sou apenas a pedra que rola nas marés do mundo, em cada praia renascendo outra. Sou a orelha encostada na concha da vida, sou construção e desmoronamento, servo e senhor, e sou mistério.



REFERÊNCIAS

- ARBOLAVE, C. (org). Queria ter ficado mais. São Paulo: Lote 42, 2015.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARBOSA, A. M. Entrevista concedida a Pedro Ribeiro Nogueira. Cidade Educadora - Cultura - Educação Integral. Portal Educação e Território, 12 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002791314.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2024.
- BARROS, M. Memórias inventadas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BARROS, M. M. L. Memória e Família. Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277>>. Acesso em: 5 set. 2024.
- CANDAU, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANTON, K. Tempo e memória. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CHARRÉU, L. V. A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. Diacrítica, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 83-103, 2019. DOI: 10.21814/diacritica.5042. Disponível em: <<https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5042>>. Acesso em: 5 set. 2024.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória?. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L.; PÉCHEUX, M.; ORLANDI E. P. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999. p. 23- 35.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Editora revista dos tribunais Ltda., 1990.
- LUFT, L. Perdas e ganhos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- MEMÓRIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MUSSE, M. F. Do álbum de família ao álbum afetivo: as narrativas da memória que transitam entre a fotografia analógica e a digital. *Lumina*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 77-90, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.26079. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26079>>. Acesso em: 6 set. 2024.

OLIVEIRA, A. M. Arte como lugar da memória. *Travessias*, Cascavel, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3211>>. Acesso em: 5 set. 2024.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

QUEIROZ GONDIM TUDE DE SÁ, A.; SERRA DAMASCENO, A. C. Álbum de família: lugar de memória e recordação. *AGORA: Arquivologia em debate*, [S. l.], v. 33, n. 66, p. 1-21, 2023. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1100>>. Acesso em: 6 set. 2024.

RUBIN, R. *O ato criativo: uma forma de ser*. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

SILVA, M. B. A memória e a sua relação com a poíesis e a experiência estética. In: COSTA, Fábio J. R.; SILVA, Larissa R. G. (org.). *A construção e a Poiésis do(a) Pesquisador(a) em Arte/Educação*. Curitiba: CRV, 2024. p. 117 - 123.

YATES, F. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ZUHAIRA RICHTER, I.; MACHADO OLIVEIRA, A. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em artes visuais. *Paralelo 31*, v. 1, n. 8, 27 maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.15210/p31.v1i8.13292>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/13292>>. Acesso em: 5 set. 2024.

